

ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOAQUIM DOLZ

Por: Ermelinda Barricelli e Siderlene Muniz-Oliveira*

Joaquim Dolz é professor e pesquisador em Didática do Francês/Língua Materna da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FAPSE) da Universidade de Genebra (UNIGE) e membro do Grupo Grafe. Em recente visita ao Brasil¹, o Professor Dolz participou de congressos e eventos acadêmicos em diversas universidades e organizações. Além disso, ministrou um mini-curso na PUC/SP organizado pela Prof^a. Anna Rachel Machado. Em meio a seus compromissos, nos concedeu uma entrevista, para falar sobre as pesquisas que vem desenvolvendo na Suíça e na Espanha e sobre suas pesquisas com gêneros textuais.



* Editoras Executivas da Revista L@el em (Dis-)Curso. Mestres em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL/PUC-SP) e doutorandas em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na mesma instituição, sob orientação da Prof^a Dra Anna Rachel Machado na linha Linguagem e Trabalho. Integrantes do Grupo ALTER (Análise de Linguagem e Trabalho Educacional).

¹ Agosto de 2009.

Ermelinda: Antes de começar, gostaria de agradecer a sua disponibilidade em nos conceder esta entrevista considerando o quanto o senhor tem sido requisitado. Para começar, gostaria de saber para que lado suas pesquisas estão se voltando nesse momento.

Dolz: Eu sou um pesquisador um pouco disperso e desenvolvo pesquisas em diversas frentes, algumas um pouco desconhecidas na Suíça. Trabalho com um projeto de educação bilíngue no país Basco. Na Espanha tem uma língua, a *euskera*², que é muito diferente do espanhol, vamos estudar o efeito do ensino com sequências didáticas para alunos bilíngues em espanhol e *euskera*; esse projeto ganhou um prêmio de pesquisa, eu passarei quatro meses no país Basco – Espanha. Um segundo projeto muito simples, mas que me dá muito prazer, é um projeto Suíço que se chama *Dore*, e estuda a utilização de sequências didáticas com alunos com dificuldades de aprendizagem. O terceiro projeto é novo, estou esperando resposta do Fundo Nacional de Pesquisa Suíça³; esse projeto é sobre as práticas de formação dos professores em língua escrita, vou analisar as diferentes práticas das instituições da Suíça Francesa, para verificar como os professores ensinam a escrita e como os alunos, futuros professores, realizam as práticas de escrita no percurso da sua formação. E, a quarta, uma pesquisa co-dirigida por Bernard Schneuwly, sobre a análise dos objetos que são ensinados nas práticas de aula. A respeito da qual, justamente, hoje recebi um e-mail de Bernard dizendo que o livro acaba de sair. Como sempre, muito trabalho, mas nunca como os professores brasileiros.

² A língua basca (em basco *euskara* ou *euskera*) é um idioma falado em regiões da Espanha (País Basco e Navarra) e do extremo sudoeste da França (região de Miarritze, Baiona, Maule-Lexarre, Donapaleu), a *euskera* é uma língua, provavelmente, oriunda dos primeiros povos que migraram para a Europa (Nota das entrevistadoras).

³ Esse projeto foi aprovado no final de 2009 e, atualmente, já está sendo desenvolvido.



Siderlene: Por que trabalhar com gêneros textuais?

Dolz: A unidade de comunicação não são frases isoladas, mas textos orais e escritos. Trabalhar uma perspectiva comunicativa exige questionar-se sobre a unidade de trabalho, e escolher aquelas que permitam o desenvolvimento da linguagem. Para organizar o

currículo escolar não podemos pensar unicamente na singularidade de cada texto, precisamos de um trabalho que considere as regularidades e os contrastes entre os diversos textos. O conceito de gênero permite esse trabalho. Culturalmente representamos os textos como unidades inscritas em um gênero (conto, carta, receitas e outros); a análise das características do gêneros (conteúdos, organização semântica e comunicativa, e a configuração de unidades linguísticas) permite identificar as dimensões que merecem ser abordados no cunho do trabalho escolar com gêneros, como temos visto em diversas pesquisas realizadas e/ou dirigidas por mim.

Ermelinda: O senhor é conhecido como o pioneiro no trabalho com sequências didáticas. Quais os benefícios que esse trabalho proporciona para a aprendizagem dos alunos?

Dolz: Eu vou enumerar cinco questões que considero fundamentais e que justificam a utilização das sequências didáticas para o desenvolvimento da linguagem dos meninos. (1) É possível trabalhar com projetos de comunicação; (2) parte-se da produção inicial dos alunos, isso permite identificar as capacidades presentes e, também, as lacunas e os obstáculos, e a partir dos obstáculos pode-se adaptar o ensino; (3) a sequência didática é

organizada em oficinas, umas depois das outras, para facilitar o aumento das capacidades e a aprendizagem de dimensão por dimensão, pensando sempre na progressão dos alunos; (4) a sequência didática é uma maneira de trabalhar intensivamente concentrado no conjunto de capacidades necessárias para escrever um texto. Além disso, a sequência didática propõe ferramentas externas para a interiorização das novas capacidades e automatização das capacidades já trabalhadas; (5) a sequência didática permite avaliar o progresso do aluno entre o que sabia fazer inicialmente (produção inicial) e o quanto avançou (produção final); além disso, o próprio aluno vê seu progresso e o professor o avalia em relação ao trabalho desenvolvido em aula.

Siderlene: O senhor visitou uma Escola Pública, em uma região periférica de São Paulo. Qual foi a sua impressão sobre essa visita?

Dolz: A ida até a escola, de trem e metrô, foi muito tranquila, não é muito diferente da periferia de Paris. A visita foi muito boa, me impressionou o esforço da diretora e dos professores para realizarem seu trabalho. Também fiquei impressionado com o barulho dos meninos; eu dei uma aula, se é que se pode dizer assim, mas a cada pergunta todos os meninos levantavam as mãos e gritavam para responder, com grande entusiasmo. Mas o que mais me impressionou foi constatar que um professor chega a trabalhar quatorze horas por dia, às vezes em mais de uma escola, com salas com mais de trinta meninos.

Ermelinda: O senhor falou do trabalho do professor, que é muito extenso, com quatorze horas de trabalho, e hoje no mini-curso o senhor falou que não imagina como esse professor pode analisar todas as produções iniciais e pensar em um trabalho com sequências didáticas. Minha pergunta é: o que o senhor diria para esses professores, considerando que essa é a realidade nacional?

Dolz: Para ter boas condições de trabalho, para cada duas ou três horas de trabalho o professor necessita de uma ou duas horas para preparação da sua aula; se você trabalha com trinta e cinco alunos, e quatorze horas por dia, é muito difícil preparar a aula, assim, o professor precisa improvisar, e não há tempo para analisar as produções dos alunos. É claro que um professor com muita experiência não precisa do mesmo tempo de preparação que um professor iniciante, mas, mesmo assim, é muito difícil propor um trabalho com seqüências didáticas nessas condições de trabalho. Outra questão a se levantar é a necessidade de tempo para o professor se apropriar das novidades, pois quando são propostas inovações na escola, rompe-se com as práticas habituais, acredito que nesse momento o professor sente-se inseguro, portanto, ele precisa de tempo para mudar sua prática. E, ainda, a formação do professor deveria ser reconhecida como tempo de trabalho. Preocupou-me um pouco o cansaço que intui nos professores, pois trabalhar com tantos meninos na sala é cansativo; eu tenho a maior admiração por esses professores brasileiros que vi nessa escola de São Paulo.

Siderlene: Pensando nesse contexto de barulho que o senhor mencionou, os gêneros orais, como debate e outros, poderiam contribuir para que os alunos criassem uma cultura de ouvir e falar?



Dolz: É verdade que o nível de barulho era bastante elevado, e o que aponto não é uma crítica; é uma constatação do que vi na escola, e devia-se ao entusiasmo dos meninos. Como eu disse, todos queriam falar ao mesmo tempo. Na escola os rituais de comunicação podem ser ensinados desde muito cedo, na escola infantil mesmo, para que os alunos aprendam a respeitar a palavra do outro, com o

mesmo entusiasmo, mas de forma mais ordenada. O tipo de trabalho do professor é diferente se os rituais de sala de aula são bem estabelecidos.

Ermelinda: Agora eu gostaria de voltar a questão para um contexto mais específico que é sobre a educação infantil. De que forma é possível desenvolver um trabalho com sequências didáticas para crianças pequenas? Pensando nas adaptações possíveis para essa faixa etária.

Dolz: Para começar, eu recomendaria a leitura da tese de *Thérèse Thevenaz-Christene* dirigida Bernard Schneuwly sobre as premissas do trabalho escolar com gêneros; é um trabalho que considero importante. Para responder essa questão, vou dizer duas coisas. A primeira, eu considero que nas primeiras etapas, o trabalho pode ser considerado de interação com os gêneros orais, é quase o trabalho que no passado era feito pelas famílias, mas o objetivo é passar do dialeto da família para a língua mais escolar e os rituais de comunicação. É normal, nessa faixa etária, que se comece pensando no desenvolvimento da expressão e compreensão oral, mas rapidamente os meninos começam a ter hipóteses sobre os textos escritos e sobre a própria escrita, e rapidamente podem começar atividades sobre o que chamamos de pré-escrita. É um trabalho muito interessante; eu dirigi duas teses sobre essa questão, e recomendo, também, a leitura dos trabalhos de Isabel Rios e de Paulina Ribeira; as teses eram sobre o início da aprendizagem da escrita até o ensino sistemático da escola. E em segundo, defendo que o trabalho com gêneros na escola infantil facilita muito o trabalho com os gêneros escolares nas séries mais avançadas.

Siderlene: Sabemos que sua atuação também se volta para as questões de formação de professores. Que leituras o senhor nos indicaria sobre formação de professores?

Dolz: Eu acabo de publicar dois livros sobre formação de professores. Um coordenado por Sylvie Plane, que se chama *Práticas de Leitura e de Escrita*; é uma coletânea de trabalhos sobre formação em práticas de escrita e leitura. E o outro, é o projeto, bastante ambicioso, que estou desenvolvendo. Acredito que pesquisas empíricas sobre a ação dos formadores de professores, voltadas para a escrita e leitura, são ainda pesquisas emergentes e complicadas, pois exigem o estudo da relação entre o professor universitário com os futuros professores. Temos que identificar em que trabalham concretamente os formadores (sobre a escrita), eles podem trabalhar sobre a linguística, sobre a psicologia, e outros. Assim, precisamos verificar como se realiza a prática de formação, mas não podemos esquecer que precisamos conhecer também os conteúdos, esses dois componetes precisam ser objetos constante de estudos e pesquisas.

Ermelinda: No Brasil o seu livro *O enigma das competências em educação*⁴ é muito conhecido. Por que o senhor prefere o termo capacidade?

Dolz: Essa resposta é bastante simples, mas de extrema importância. Utilizamos capacidade contrariando a ideia de competência, além de ser contrária às ideias do interacionismo social em que nos apoiamos, competência filia-se a uma linha que considera o desenvolvimento biológico, portanto, inato e imutável. Consideramos que as capacidades podem ser sempre desenvolvidas em ambientes sociais ricos e estimuladores.

⁴ DOLZ, J. & OLLAGNIER, E. 2009. O enigma das competências na educação. Porto Alegre: ArtMed.